

## SABERES (AUTO) BIOGRÁFICOS: LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

Lourdes Couto de Melo<sup>1</sup>

*Resumo:* A pesquisa aqui apresentada consiste na narração da experiência vivencial relatada por professores alfabetizadores da rede municipal e pela construção de ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais de letramento e alfabetização. Com essa experiência, estudamos a relação com os alunos e demais professores e compreendemos que a aprendizagem é algo coletivo, contínuo e que requer problematização, demonstrando, assim, a importância e o papel do método autobiográfico no âmbito da pesquisa de histórias de vida. Almejamos analisar as dimensões das práticas pedagógicas nos primeiros anos do Ensino Fundamental I com idade de 06 e 07 anos, na cidade de Alagoinhas-Bahia, e discutir as questões que permeiam o cotidiano escolar do professor alfabetizador, com ênfase nos desafios enfrentados em sala de aula. Levando em conta as práticas de alfabetização e letramento implicadas em atividades voltadas para a leitura e retextualização. Esperamos que a referida pesquisa possa trazer reflexões e discussões a respeito dessa constante inquietude na busca de meios para desenvolver uma prática pedagógica significativa e fundamentada teoricamente.

*Palavras-Chave:* Experiência. Prática pedagógica. (Auto) biografia. Alfabetização. Letramento.

A (auto)biografia expressa o “escrito da própria vida”, caracterizando-se como oposta a biografia, porque o sujeito desloca-se numa análise entre o papel vivido de ator e autor de suas próprias experiências, sem que haja uma mediação externa de outros. As histórias de vida adotam e comportam uma variedade de fontes e procedimentos de recolha, podendo ser agrupadas em duas dimensões: os diversos documentos pessoais (autobiografias, diários, cartas, fotografias e objetos pessoais), e as entrevistas biográficas (orais ou escritas). Portanto, se faz necessário o aprofundamento dos estudos nesse campo, embora havendo hoje na literatura uma diversidade significativa de estudos e de aplicações, porém, ele é profícuo em possibilidades para se pensar a formação de adultos em geral e, particularmente, a formação de professores.

Sendo assim, minha pesquisa terá como tema a relação do seu memorial de formação com memoriais de formação de docentes. Observa-se que, no campo da produção de subjetividade, que as experiências de vida apresentam um potencial formador. Implicar-se com o movimento biográfico e suas relações com as práticas de formação que utilizam as histórias de vida, as narrativas de formação como férteis para a compreensão do desenvolvimento profissional, das dimensões de formação, da profissionalização docente e suas interfaces com a construção da identidade profissional e a auto formação.

Os estudos foucaultianos possibilitam olhar as formas de subjetivação. Permite também pensar o ato da escrita como uma técnica que desencadeia a relação do sujeito consigo mesmo. O registro

---

<sup>1</sup> Mestranda/Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural/UNEB Campus II. Endereço eletrônico: lourdinacouto@hotmail.com.

das atividades pedagógicas propicia a reflexão e a revisão da prática, promovendo transformação no modo de se compreender a atividade docente e é neste processo que a subjetivação ocorre.

Assim, falar em produção da subjetividade significa dizer que esta última não é entendida como origem, mas como um processo, de acordo com a configuração sócio histórica em que se situa. Ao invés de ideologia, prefiro falar sempre em subjetivação, em produção de subjetividade. (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 25)

O sujeito é algo do domínio de uma suposta natureza humana, com suas próprias ideias. Os autores acima propõem ao contrário a essa ideia de uma subjetividade de natureza industrial, maquina, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida. Porque tudo que é produzido pela subjetivação capitalística, tudo que nos chega pelos equipamentos, pela família, pela linguagem, não é uma questão de ideia, trata-se de grandes máquinas produtivas. Só é diferente para as pessoas que não incorporaram a esse processo capitalístico, outros modos de representação do mundo, a outros setores da vida social, numa sociedade de outro tipo. Assim, gente que desenvolve qualquer tipo de trabalho pedagógico ou cultural, atua de alguma maneira na produção de subjetividade. E todos eles se encontram de alguma maneira envolvidos numa posição política e micropolítica fundamental. A garantia dessa micropolítica aquela que constrói novos modos de subjetividade, que singulariza não se encontra nesse tipo de ensino. É preciso entrar no processo de singularização, ou seja, ir contra uma posição massificada. Os indivíduos são o resultado de uma produção de massa. O indivíduo é serializado, registrado, modelado. (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 31)

O desenvolvimento pessoal da construção identitária de profissionais da docência, histórias de vida/memorial, entendidas como instrumento de (auto)formação, de pesquisa e de intervenção, no contexto da formação docente. As marcas formadoras de sua profissão com minhas marcas que me formaram; percebe sua constituição enquanto professores no cotidiano de experiências e práticas escolares. Ao pensar sobre a trajetória de uma educadora podemos, como Josso (2010), compreender “a vida como um campo de formação”. As escolhas profissionais, a formação acadêmica, até mesmo as relações com as pessoas determinam e ao mesmo tempo são contingências que pode definir quem somos e o que fazemos no mundo sempre em constante movimento. O passado explica a intencionalidade presente, permite compreender o que pode vir a acontecer e a intencionalidade presente explica o passado e permite compreender o que ainda não ocorreu.

São raríssimos os textos autobiográficos, exceto por algumas entrevistas, publicadas em revistas acadêmicas, em suplementos culturais ou coletâneas específicas, além dos memoriais

acadêmicos, como exigência de alguns concursos públicos. Recentes abordagens críticas sobre histórias de vida destacam a forma como autobiografias começam a ser escritas e utilizadas para a expansão do número de escritores pelas diversas esferas culturais e profissionais, assim como uma forma renovada de estruturar a auto representação.

Nesta perspectiva, a autobiografia, que em primeiro momento pode ser vista somente como um retrato profissional de seus autores, tem sua ótica ampliada. Acredito que esses mesmos textos autobiográficos podem oferecer elementos para a compreensão da maneira como historiadores constroem nosso acesso ao conhecimento do passado, ou seja, os próprios textos históricos se tornam professoras escritoras.

Nesse sentido, a possibilidade de narrar o vivido ou passar ao outro sua experiência de vida, torna a vivência que é finita, em infinita. Graças a existência da linguagem, a narrativa pode se enraizar no outro. Sendo assim, a narrativa é fundamental para a construção da noção de coletivo. A forma oral de comunicar ressignifica o tempo vivido, as coisas da vida, e concomitantemente a ela, emerge o passado histórico das pessoas a partir de suas próprias palavras. É nesse ambiente onde a cultura, o território e a política se chocam que Kafka criou sua obra. E é a partir desses conflitos que Deleuze e Guattari discutem a literatura menor a partir de Kafka:

Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior. Mas a primeira característica, de toda maneira, é que, nela, a língua é afetada de um forte coeficiente de desterritorialização. Kafka define nesse sentido o impasse que barra aos judeus de Praga o acesso à escrita, e faz de sua literatura algo de impossível: impossibilidade de não escrever, impossibilidade de escrever em alemão, impossibilidade de escrever de outro modo (DELEUZE, GUATTARI apud Kafka. p. 25).

Deleuze e Guattari chamam de literatura menor é uma literatura revolucionária. Por si só, esta linguagem é ativa e revolucionária do ponto de vista criativo. A literatura menor fundada no coração de uma literatura estabelecida, de uma literatura de mestres promove certa forma de fazer literário que não se prende aos limites de um território (cultural, linguístico, estético). A questão fundamental e política de uma literatura menor evoca o problema daqueles que vivem em uma língua que não é a sua, ou que não se entendem com a língua maior da qual se deve servir. Trata-se do problema dos imigrantes, das minorias, e que se torna o problema de uma literatura menor.

O ato de escrever sobre a própria prática, no entanto, funciona, aqui, como elemento auxiliar da memória e, ao mesmo tempo, como forma de auto avaliação das ações praticadas em sala de aula. Trata-se de um efeito do discurso do professor, especificamente, precisa deixar claro qual foi sua aprendizagem pessoal e, por fim, o mais importante, necessita proceder a auto avaliação.

A utilização da autobiografia para a condução desse artigo mostrou-se trabalhosa, arriscada, mas, ao mesmo tempo, muito pertinente para o desenvolvimento de vários aspectos. A autobiografia foi também pertinente ao desenvolvimento da consciência de que os sentidos mudam conforme as formas do dizer, que a narrativa não é a vida, que as narrativas são as versões possíveis da vida. A narrativa, mesmo autobiográfica, é também construção, elaboração que se dá a partir da perseguição de uma memória autobiográfica sujeita a uma memória do dizer, que é histórica e social. Se assim não o fosse, como explicar a existência de uma zona de silenciamento que impede o preenchimento de um lugar sintático, por exemplo? Acima de tudo, o percurso trilhado com a escrita da autobiografia e a reflexão sobre as formas de dizer contribuem para o autoconhecimento do sujeito e a construção de aspectos da sua identidade atual e projetar possibilidades futuras.

Assim como a vida, a escrita e os processos educacionais não se realizam de uma vez, é preciso tempo para elaborá-los, é preciso ir trilhando um caminho, fazendo escolhas, reformulando direções, tecendo um fio da meada, construindo sentidos, experiência, conhecimento. A escrita, nesse sentido, teria uma importante função de transformação, ou seja, operava como prática processadora daquilo já dito, lido ou praticado, de modo a afirmar, reescrever ou criar novos elementos de constituição de si, o que denota para a escrita dessa época a possibilidade que as pessoas tinham de se relacionar com a autoridade tradicional, não como uma verdade que se deve crer e seguir, mas como algo que se deva experimentar e combinar junto à singularidade e possibilidades de outras verdades nela contida além, é claro, com a particularidade das circunstâncias que determinam o seu uso.

O ato de escrever sobre a própria prática, no entanto, funciona, aqui, como elemento auxiliar da memória e, ao mesmo tempo, como forma de auto avaliação das ações praticadas em sala de aula. Trata-se de um efeito do discurso do professor, especificamente, precisa deixar claro qual foi sua aprendizagem pessoal e, por fim, o mais importante, necessita proceder à auto avaliação.

Muitos professores que atuam nas escolas não se dão conta da importante dimensão que tem o seu papel na vida dos alunos. Nesse sentido, um dos aspectos que se quer ressaltar é a importância da formação do professor e da compreensão que ele deve ter em relação a esse assunto. Pois, não há como acontecer na escola uma educação adequada às necessidades dos alunos sem contar com o comprometimento ativo do professor no processo educativo.

Mudar essa realidade é necessário para que uma nova relação entre professores e alunos comece a existir dentro das escolas. Para tanto, é preciso compreender que a tarefa docente tem um papel social e político insubstituível, e que no momento atual, embora muitos fatores não contribuam para essa compreensão, o professor necessita assumir uma postura crítica em relação a sua atuação a do ser “educador”. Nessa perspectiva, jamais poderá ser compreendido o trabalho

individual do professor desvinculado do seu papel social, dessa forma estaria descaracterizando o sentido e o significado do trabalho docente.

Assim, quanto mais o professor compreender a dimensão do diálogo como postura necessária em suas aulas, maiores avanços estarão conquistando em relação aos alunos, pois desse modo, sentir-se-ão mais curiosos e mobilizados para transformarem a realidade. Quando o professor atua nessa perspectiva, ele não é visto como um mero transmissor de conhecimentos, mas como um mediador, alguém capaz de articular as experiências dos alunos com o mundo, levando-os a refletir sobre seu entorno, assumindo um papel mais humanizador em sua prática docente. Organizar uma prática escolar, considerando esses pressupostos, é sem dúvida, conceber o aluno um sujeito em constante construção e transformação que, a partir das interações, tornar-se-á capaz de agir e intervir no mundo, conferindo novos significados para a história dos homens.

Quando se imagina uma escola baseada no processo de interação, não se está pensando em um lugar onde cada um faz o que quer, mas num espaço de construção, de valorização e respeito, no qual todos se sintam mobilizados a pensarem em conjunto. Na teoria de Vygotsky, é importante perceber que como o aluno se constitui na relação com o outro, a escola é um local privilegiado em reunir grupos bem diferenciados a serem trabalhados. Essa realidade acaba contribuindo para que, no conjunto de tantas vozes, as singularidades de cada aluno sejam respeitadas. Portanto, para Vygotsky, a sala de aula é, sem dúvida, um dos espaços mais oportunos para a construção de ações compartilhadas entre os sujeitos. A mediação é, portanto, um elo que se realiza numa interação constante no processo ensino aprendizagem. Pode-se dizer também que o ato de educar é nutrido pelas relações estabelecidas entre professor-aluno. A escola pode ser considerada como um dos espaços essencialmente propícios e, talvez, único capaz de desenvolver e elevar o indivíduo intelectual e culturalmente dentro de uma sociedade. Entretanto, as relações estabelecidas no contexto escolar entre alunos e professores têm exigido bastante atenção e preocupação por parte daqueles que encaram a escola como espaço de construção e reconstrução mútua de saberes. Nesse sentido, acredita-se que uma das tarefas das equipes pedagógicas de qualquer escola, é a criação de estratégias eficazes, no sentido de promover uma formação continuada, a qual possibilite uma relação pedagógica significativa e responsável entre professores e alunos, garantindo a todos a melhoria no processo ensino aprendizagem.

Entretanto, os educadores convivem com uma estrutura de sistema escolar que evolui a passos lentos e com uma realidade escolar em que ainda prevalece o modelo de ensino no qual os alunos continuam reproduzindo os ensinamentos do professor, sendo quase imperceptível um ensino interativo que pressuponha um outro papel para o aluno e o professor; logo, é preciso

repensar o papel dos professores. O contexto vivenciado no desenvolvimento das práticas pedagógicas de alfabetização vem desafiando os professores a transpor concepções arraigadas, de um ensino tradicional, que acredita na centralização docente como modo de promover e controlar o avanço da compreensão do sistema da escrita pela criança, para então, compreendê-la como sujeito cognoscente, isto é, que busca ativamente o conhecimento do mundo à sua volta.

A realização de atividades de forma mecânica e descontextualizada coloca o aluno como sujeito passivo que espera receber informações para que possa aprender, desconsiderando que a criança pensa, interpreta, observa, possui muitas ideias formadas antes de chegar à escola. Portanto, é fundamental que os sujeitos envolvidos no processo de ensino entendam a escola como uma organização dinâmica, permitindo que se construam novas aprendizagens e, a partir dessas aprendizagens, encontrem respostas capazes de colaborar para a compreensão da complexidade que envolve o sistema escolar.

Portanto, é fundamental que os sujeitos envolvidos no processo de ensino entendam a escola como uma organização dinâmica, permitindo que se construam novas aprendizagens e, a partir dessas aprendizagens, encontrem respostas capazes de colaborar para a compreensão da complexidade que envolve o sistema escolar.

O estudo focalizado neste texto abrange discussões sobre as experiências de aprendizagem ao longo da carreira, o conhecimento, as habilidades, o ensino, a formação inicial e continuada, as expectativas e necessidades de professores alfabetizadores. Neste sentido, as categorias consideram momentos e acontecimentos “charneira” (JOSSO, 2004), a partir do que dizem os professores alfabetizadores sobre a inserção e continuidade como alfabetizadoras. O professor não é um robô que só executa e aplica técnicas aprendidas, mas é sim, um ser humano que como qualquer outro possui sua história individual, suas certezas, seus valores e sua personalidade.

As pesquisas autobiográficas têm ganhado espaço nos estudos educacionais, por trazerem diversas contribuições para a área e possibilitar o enfrentamento da racionalidade técnica que ainda permeia alguns cursos de Formação Docente. Importante ressaltar que os saberes aprendidos na escola não são apenas conceituais, mas também atitudinais referentes às características de um professor. Na maioria das vezes o que aprendemos por meio das atitudes tem um impacto mais intenso sobre as nossas vidas do que as aprendizagens conceituais. Por este motivo, é importante considerarmos os saberes que os professores adquirem por meio dos modelos de professores que tiveram.

## REFERÊNCIAS:

AGAMBEM, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte/MG: Editora UFMG, 2005.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: *Obras Escolhidas, magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. I. São Paulo: Ed. 34. 2004.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2014.

JOSSO, Marie-Chistine. *Caminhar para Si*. Trad. Albino Pozzer; coord. Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010a.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 1999.

